

POLÊMICA Maioria dos prefeituráveis da Cidade aposta no fim do mandato petista e prevê renovação no Executivo e Legislativo

Crise política influencia eleições

ELIANE JOSÉ

Alguns dos adjetivos usados por sete dos pré-candidatos a prefeito de Mogi das Cruzes para expressar o que sentem com o acirramento da crise política nas últimas horas e dos novos lances da Operação Lava Jato, como a divulgação de conversas telefônicas do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, denotam a inquietude entre os políticos que se preparam para a disputa municipal, em outubro. Estarrecimento, surpresa, preocupação e apreensão foram sentimentos empregados por estes virtuais concorrentes convidados a fazer uma análise sobre o desenrolar da campanha eleitoral, em meio às incertezas sobre o futuro do governo da presidente Dilma Rousseff. A maioria aposta no fim do mandato petista e fala sobre a singularidade do momento, quando a perda da credibilidade dos antigos políticos é realçada nos protestos nas ruas e há uma tendência de renovação no Executivo e no Legislativo. Foram ouvidos Francisco Bezerra (PSB), Junji Abe (PSD), Mauro Araújo (PMDB), Marco Soares (PRB), Marcos Damásio (PR), Gondim Teixeira (SD) e Rodrigo Valverde (PT).

Chico Bezerra destaca que partidos abandonam o PT

"Eu estou acompanhando com muita revolta esse momento e esperando a saída da presidente Dilma Rousseff. O País está afundando e vemos o governo tentando inibir a Justiça Federal e, felizmente hoje (ontem), um juiz corajoso suspendeu a nomeação do ex-presidente Lula como ministro. Os partidos como o PMDB estão abandonando o PT e os reflexos disso na eleição municipal serão sentidos pelo PT. O meu partido, o PSB, não tem nada a ver com tudo isso e, por isso, eu estou absolutamente tranquilo com a eleição. Será uma eleição com menos tempo, e as pessoas mais conhecidas terão mais facilidade. Essas parafornalhas de marketing não funcionam mais, as pessoas votam em quem confiam. Acredito numa renovação maior, mesmo, nas esferas federais, eleições municipais



Chico Bezerra, PSD

são muito particulares. Claro que essa indefinição eleitoral deixa as atenções voltadas para Brasília, e é preciso que ela (a presidente Dilma) caia fora rápido. É uma vergonha o que está acontecendo com o País".

Junji Abe defende renúncia, mas fala em reforma política

"Todos estão extremamente inconformados com essa situação porque o contexto político não nos dá nenhuma luz no fundo do túnel, nenhuma ação imediata para que possamos começar a reversão da crise econômica que, agudamente, atinge toda a população. A medida mais acertada seria a presidente buscar a renúncia, mesmo que, com o vice, Michel Temer, não tenhamos um clima de total reinício porque o que precisamos são de grandes mudanças, com a reforma política. Esse grande número de partidos é que levou o governo a enfrentar todos esses problemas. Trinta e dois partidos é uma conta impossível de se trabalhar. Nesse momento, não podemos violentar a constituição, embora as denúncias e indícios de ilegalidades sejam fortes. Será uma campanha difícil, por causa das mudanças eleitorais. Há uma



Junji Abe, PSD

grande imprevisibilidade sobre como será a transição desse processo nacional. As pesquisas demonstram que o povo deseja uma renovação, e essa renovação tem sido interpretada em termos de novas posturas, uma política não viciada."

Gondim avalia que incerteza gera complicações na disputa

"A minha filha, que é médica, se fizer qualquer coisa errada, será julgada pela Justiça. O que está acontecendo em Brasília é uma afronta a todos os brasileiros que respondem à Justiça pelo fazem. É isso que as pessoas cobram porque não aguentam mais este comportamento. Preço pela democracia, as denúncias devem ser provadas, mas a Dilma não tem mais condições de governar. A campanha municipal será difícil, pela coincidência de acontecer no mesmo momento dessa grave crise política econômica. E o futuro prefeito terá dificuldades porque não sabe se os compromissos firmados serão cumpridos. Na Saúde, os agentes de combate à dengue estão sem receber, os recursos do SUS chegam cortados. As pessoas têm nojo da política porque há políticos que fazem qualquer coisa para se manter na política, quando na verdade o político deve servir e não ser ser-



Gondim Teixeira, SD

vidor da política. É difícil fazer previsões sobre a eleição municipal diante desse quadro de incertezas. Mas o que há de concreto é que a população passa por vexames e ninguém pode fazer como ele (Lula), zombar da condição dos desempregados".

Marco Soares diz que eleitor quer renovação

"Acompanho essa crise com extrema preocupação, como técnico da área jurídica, porque os fundamentos do estado democrático de direito estão sendo violados, os pilares da nossa República estão abalados. Há uma perigosa ingerência de um poder sobre o outro poder, de forma despuddada. Não se trata apenas de denunciar, processar e condenar alguém, estamos vendo elementos alheios ao procedimento jurídico serem utilizados, numa espécie de jogo, onde vale tudo. O processo de impeachment, uma defesa da OAB, será uma forma de desacreditar denúncias, mas de maneira constitucional. Tudo contribui para a perda de credibilidade da classe política porque o sistema político atual está contaminado. O País precisa de uma profunda reforma política. O eleitor não quer políticos tradicionais, acostumados com as velhas idiosincrasias. O eleitor pede a renovação. Esse sentimento de indignação e a grande carga de intolerância prevalecem agora, mas podem, num segundo momento, ser mola propulsora para chamar o cidadão à responsabilidade: fomos nós quem escolhemos os políticos que aí estão. Torço para que, no seu foro íntimo, o eleitor assumira esse capital de responsabilidade".



Marco Soares, PRB

Marcos Damásio prevê campanha mais difícil

"Estou na política há 23 anos, nunca vi o Brasil num impasse, numa crise política, econômica e moral tão preocupante. O País está dividido, desde a eleição, e temos uma situação de desemprego insustentável. São 9 milhões de desempregados. Tudo isso tira a esperança das pessoas, da juventude. As instituições que sustentam a democracia têm de se fazer presente. Quanto às eleições, teremos um impacto porque o eleitor está descrente, desmotivado, serão apenas 45 dias de campanha. Valerão o prestígio pessoal, a popularidade e o corpo a corpo. Acredito numa grande renovação, na ampliação dos votos brancos e nulos. A campanha será mais difícil porque as empresas não podem mais doar. Até agora, o poder econômico sempre falou alto no País e, nessa eleição curta, pode ser que ganhem os que têm compromisso com o povo. Sobre a continuidade da presidente Dilma, o ideal seria o respeito aos resultados das urnas, mas eu pergunto: 'Ela tem credibilidade para conduzir o País por mais três anos?' Acho que não".



Marcos Damásio, PR

Mauro Araújo alerta para paralisia geral

"Estou estarrecido porque ninguém aguenta, todo dia é uma surpresa nova, a crise está se aprofundando com os fatos gravíssimos que têm sido revelados. Tudo isso atrapalha todos, porque há uma paralisia geral, desde o final do ano passado. Não se fala em outra coisa. A presidente Dilma não tem condições de continuar no governo, pela incapacidade de gerir essas questões, ela perdeu o comando se envolvendo em problemas particulares, como os do ex-presidente Lula. Ela não tem condições morais e técnicas de governar. Em Mogi, tivemos quatro, cinco boas gestões, mas há cidades que estão passando por momentos difíceis. Será uma eleição muito difícil, porque a atenção das pessoas está no emprego, na inflação. Com o Michel Temer, do meu partido, na presidência, a nossa situação tende a se tranquilizar, mas isso ainda não aconteceu, portanto não vejo como discutir isso agora. A apreensão é com os rumos do que acontecerá com o País. Temos de cobrar do Congresso, o impeachment, ou do PT, a renúncia da presidente".



Mauro Araújo, PMDB

Rodrigo Valverde aposta em coligações

"É um momento riquíssimo, quando se confronta a importância das instituições e as falhas que elas possuem. Em todos os setores há seres humanos, que podem errar. Mas, no caso da Justiça, ela não pode ser cega para alguns e ter supervisão para com os outros. Os políticos são instrumentos para melhorar as políticas públicas, se eles extrapolam no mal, eles são cobrados. Isso tudo está sendo colocado à mesa. Vejo que há uma grande maioria neutra a tudo, há muita gente surpresa, não acreditando no que está acontecendo, e há uma parte, mais elitizada, dando uma importância, nunca dada antes à Justiça. Momentos assim foram vividos na ditadura. Muitos jovens não viveram isso. Dá a impressão que o PT será o mais prejudicado nas urnas, mas veja, 15 mil foram às ruas em Mogi, a maioria branca, empresários; poucas pessoas da periferia estavam ali. Mogi tem outros 450 mil habitantes que ficaram em casa. Além disso, os demais candidatos possuem problemas com a Justiça. A população rejeita a corrupção. Meu nome será escolhido pelo nosso perfil ativista, nos movimentos populares. E poderemos fazer três vereadores, com as coligações que estão sendo articuladas".



Rodrigo Valverde, PT